

DE ALGUMAS ABORDAGENS SOBRE O ASPECTO

Resumo

Neste artigo, comparo duas abordagens sobre o aspecto verbal em português: a de Travaglia, que não considera a distinção entre *langue* e *parole*, entre significado lexical e significado gramatical; e a de Coseriu, que considera a diferença entre *aspecto* e *Aktionsart*, enfocando o aspecto de um modo estrutural.

Palavras-chaves: *langue*; *parole*; *aspecto*; *aktionsart*; categoria verbal.

Abstract

I compare two approaches on the verbal aspect in portuguese: that of Travaglia, which does not take into account the distinction between *langue* and *parole*, between lexical and grammatical meaning; and that of Coseriu, which considers the difference between *aspect* and *Aktionsart*, focusing aspect in a structural way.

Key-words: *langue*; *parole*; *aspect*; *aktionsart*; verbal category.

Introdução

Este artigo trata de duas obras sobre o aspecto verbal em português: a de TRAVAGLIA (1985) e a de SOARES (1987), com perspetivações diferentes sobre a categoria. Na primeira não se considera a oposição entre valores de língua e valores de fala, entre léxico e gramática, enquanto a segunda encampa essa dupla oposição. Muitos outros trabalhos poderiam ter sido referidos, mas, pela limitação de espaço, elegemos dois apenas, representantes de vertentes distintas de análise lingüística.

Não entraremos em pormenores de nomenclatura. Nosso propósito é tão-somente discutir conceitos de base e a coerência interna. Por isto, furtamo-nos a detalhes sobre os tipos aspectuais, exceção feita a obra Soares, em quem nos detivemos

um pouco mais, por ser um trabalho menos conhecido do público.

Apresentamos cada autor em separado para didatizarmos o cotejo.

Autores que não separam aspecto de modo da ação

Num trabalho já clássico sobre o aspecto, CASTILHO (1968), estabelece uma oposição entre aspecto e modo da ação. No que diz respeito a este último, assevera: “o modo da ação representa uma compreensão lato sensu das noções aspectuais, uma vez que abrange um número ilimitado de possibilidades, englobando e ultrapassando a bipolaridade que caracteriza o aspecto. Decorre essa variedade de possibilidades do fato de assentar o modo da ação no próprio valor semântico do verbo, cujos caracteres objetivos se tem tentado apreender através de análises diversas, levadas sempre pela perspicácia dos lingüistas a pontos cada vez mais distanciados dos limites da pura e simples noção de duração e de completamento” (1968: 40). Já no tocante ao primeiro, afirma: “aspecto, ao contrário, é o ponto de vista subjetivo (em relação ao modo da ação, bem entendido) do falante sobre o desenvolvimento da ação. Reduz-se a uma compreensão stricto sensu do problema, pois se reporta apenas aos graus de realização da ação e não à sua natureza mesma, que é a *Aktionsart*. Daqui reduzirem-se as noções aspectuais a uma bipolaridade, segundo a ação *dure* (imperfectivo) ou se *complete* (perfectivo)” (1968: 41).

Castilho traça uma distinção de suma importância, todavia dificilmente observada pela maioria dos autores. Aliás, é o próprio Castilho que admite a possibilidade de aspecto e modo da ação se confundirem “nos casos em que a flexão temporal ou os adjuntos adverbiais provocam alterações no valor semântico do verbo” (p.42). O lingüista assume claramente a posição de que o aprofundamento das diferenças entre aspecto e modo da ação não deve ser

* Prof. Titular de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Vernáculas.

considerado já que este último contém o primeiro. O modo da ação, por exemplo, também indica duração e completamento.

Na mesma linha de Castilho, por não separar radicalmente aspecto e modo da ação, TRAVAGLIA (1985) opta pela seguinte definição de aspecto: “uma categoria verbal de TEMPO, não-dêitica, através da qual se marca a duração da situação e/ou suas fases, sendo que estas podem ser consideradas sob diferentes pontos de vista a saber: o do desenvolvimento, o do completamento e o realização da situação” (1985: 53).

Apresenta o seguinte quadro de aspectos com seus respectivos parâmetros:

NOÇÕES ASPECTUAIS		ASPECTOS		
I. DURAÇÃO	1. Duração	A. Contínua	a. Limitada b. Ilimitada	DURATIVO INDETERMINADO
		B. Descontínua	a. Limitada b. Ilimitada	ITERATIVO HABITUAL
	2. Não-Duração ou Pontualidade			PONTUAL
II. FASES	1. Fases de Realização	A. Por Começar		NÃO-COMEÇADO
		A' Preste a Começar (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		
		B. Não-Acabado ou Começado		
	2. Fases de Desenvolvimento	C. Acabado há pouco (ao lado do aspecto há uma noção temporal)		ACABADO
		C. Acabado		
		A. Início (no ponto de início ou nos primeiros momentos)		
3. Completamento	B. Meio		INCEPTIVO	
	C. Fim (no ponto de término ou nos últimos momentos)		CURSIVO	
	A. Completo		TERMINATIVO	
Ausência de noções aspectuais		B. Incompleto	PERFECTIVO IMPERFECTIVO	Aspecto não atualizado

CASTILHO (1984) observa alguns pontos incoerentes no modelo proposto por Travaglia.

- 1) o fato de *duração* se opor à “fases”, já que uma ação durativa admite fases no seu desenvolvimento;
- 2) o fato de *indeterminado* se opor à durativo uma vez que é mínima a distinção entre o aspecto indeterminado e o não-aspecto. Nesse caso, mais conveniente seria contrastá-lo com a totalidade dos aspectos;
- 3) o fato de as fases de realização e de desenvolvimento serem diferentes.
- 4) o fato de o aspecto não-começado apresentar uma das fases de realização, quando, para ele, fica difícil aceitar como aspecto uma noção que não começou a ter existência.

Acrescentemos que algumas distinções ensaiadas pelo autor são confusas como esta a respeito da incoação: “como indica o começo de um novo estado é, por muitos, ligada à inceptividade e daí se dizer, às vezes, aspecto incoativo ou inceptivo, como faz Camara Jr., ou de em outras vezes se dividir a inceptividade em inceptivo propriamente dito e inceptivo incoativo como faz Castilho.” (1985: 66-8) Ou como esta acerca da progressividade: “está ligada ao aspecto que chamaremos de durativo, pois não referimos a desenvolvimento gradual em uma situação pontual porque, quando isto acontece, a situação pontual é apresentada como durativa.” (1985: 68) Noutros momentos ensaia, apoiado em outros autores,

como CASTILHO (1968) noções meio sibilinas, como esta, atinente à resultatividade: é a indicação de que a situação se conclui com o atingimento de um ponto terminal (1985: 69)

SOARES (1987) reconhece que a tese de Travaglia se diferencia da de Castilho, por apresentar uma classificação maior, com mais subdivisões. Todavia, a essência se mantém, já que ambas dão uma lista dos significados aspectuais no discurso. Travaglia elabora sua lista, dividindo os significados aspectuais, conforme o significado básico. Semelhantemente a Castilho, o autor mescla, segundo Soares, valores de *langue* e de *parole*.

Autores que diferenciam aspecto do modo da ação

Dois autores merecem ser citados nesta secção, BARROS (1981) e SOARES (1987), mas só nos referiremos a este último porque representa com mais nitidez a aplicação do método estrutural ao estudo do aspecto. O primeiro autor, embora apresente pontos de contacto com o segundo, por partir de uma abordagem estruturalista, que o faz distinguir léxico e gramática, língua e fala, comete um equívoco ao analisar o futuro como aspecto potencial (ex.: *farias/farás*). Ora, a potencialidade não diz respeito ao aspecto, mas ao modo. As formas de futuro possuem, além do valor temporal, valores secundários modais.

Para SOARES (1987:18), “a aspectualidade é um campo semântico amplo de noções ligadas por traços comuns referentes à maneira de ser da ação”. Todavia, a autora considera aspecto apenas as noções que recebem expressão gramatical, seja flexional, seja por meio de perífrases verbais estáveis e com significado aspectual constante. As noções pertencentes ao léxico, que são expressas pelo radical do verbo, são próprias do modo da ação. A distinção é necessária para a autora, pois o aspecto é uma categoria gramatical, enquanto o modo da ação é uma categoria semântica, pertencente ao léxico. Um e outro possuem *status* diferentes.

O ponto de vista supracitado encontra respaldo em Coseriu, para quem uma categoria existe no sistema gramatical de uma língua se ela aí funciona como categoria autônoma, isto é, se ela é representada por oposições específicas e não redutíveis a outras categorias. A cada língua compreenderiam conteúdos semânticos diferentes para aspectos e modos da ação.

Exemplifica com a frase *João encheu várias vezes a garrafa.*, que possui um valor iterativo em função do adjunto adverbial *várias vezes*. Isto é valor secundário, pois é contextualmente depreensível

Soares faz críticas a alguns autores, dentre eles Travaglia, Castilho, Camara Jr. e todos que misturam, na descrição dos aspectos, fatos de língua e fatos de discurso. Rejeita, baseada em Coseriu, aspectos depreendidos pelo semantema do verbo ou pelos adjuntos adverbiais, para restringir-se aos indicados

pelas flexões ou perífrases. Apresenta, então, sua tipologia fundada na distinção entre dimensões temporais e aspectuais, estreitamente ligadas, de tal modo que a categoria de aspecto - uma decorrência da de tempo - vem depois dele. Detenhamo-nos neste último.

Soares, baseada em Coseriu, distingue na língua portuguesa as seguintes *dimensões aspectuais* com expressão gramatical própria: a) *visão*, b) *fase* (ou *grau*); c) *colocação* (ou *incidência*). A expressão gramatical que essas dimensões apresentam consiste em perífrases constantes com significado aspectual em que o verbo que funciona como auxiliar perde completa ou parcialmente o significado que possui quando usado como verbo principal. São estas as dimensões: *visão*, *fase* e *incidência*.

A *visão* é a dimensão segundo a qual a ação verbal é apresentada ou como *parcializada*, ou como *não parcializada* (ou global), sendo a primeira expressa por meio de verbos auxiliares de estado ou de movimento (andar, estar, ficar, viver, vir, ir, seguir, continuar, prosseguir, passar) e o gerúndio do verbo principal. Eis o esquema de Coseriu:

A *visão global* é manifestada por expressões do tipo *pego e faço*, *peguei e fiz*, *agarrou e fez*, *foi e disse*. Na *visão global*, acentua-se o conjunto da ação. Há poucas expressões, em português, para a expressão do global, como *pego e escrevo*, *agarro e escrevo*, *tomo e escrevo*. O global e o parcial se opõem ao neutral, conforme este esquema extraído de BECHARA (1999: 217)

<p><i>pego e escrevo</i> (não-cursiva) não-parcializante = global</p>	<p><i>escrevo</i> neutral</p>	<p><i>estou escrevendo</i> (cursiva) parcializante</p>
---	-----------------------------------	--

A *fase* ou *grau* é a dimensão relativa às fases objetivas da ação designada por um verbo, sendo ela traduzida numa das seguintes subfases: *iminencial* (*estar por fazer*), *inceptiva* (*pôr-se a fazer*), *progressiva* (*ir fazendo*), *continuativa* (*continuar a fazer*), *conclusiva* (*acabar de fazer*) e *egressiva* (*vir de fazer*). Por sua vez, a *incidência* ou *colocação*: é a dimensão pela qual uma ação verbal é “situada” em relação a outras ações (normalmente não nomeadas, mas apenas implicadas), sendo ela manifestada pelas seguintes perífrases: *começar fazendo*, *começar por fazer*, *continuar fazendo*, *acabar fazendo*, *vir a fazer*, *acabar por fazer* etc. Dizemos que as ações são implicadas, porque, quando falamos, por exemplo, *João começou estudando*, pressupomos o prosseguimento da ação, embora não referido. Se dizemos, por exemplo, *João terminou tomando uma decisão*, pressupomos ações que antecedem a tomada de decisão.

Para cada dimensão, existem traços. Assim, no que diz respeito à *visão*, opera-se com o traço *cursivo*, definido positivamente para a *visão parcializante*, e negativamente para a *visão globalizante*. Para a *fase*, elege o traço *grau*, em relação ao qual a *fase iminencial* e a *conclusiva* são os dois momen-

tos extremos. Em outros termos, o inceptivo é o grau zero, o eixo de referência.

São muitos os méritos da teoria abraçada por Soares. Entre outros, chama a atenção para os seguintes aspectos: oposição entre significado léxico e significado gramatical e oposição entre valores de língua e valores de fala.

Para Soares, na esteira de Coseriu, não se devem confundir abordagens lexicais e abordagens gramaticais, a exemplo destas ilustradas por TRAVAGLIA (1985:78): *partir/ir*, *vir/chegar*; *nascer/viver/morrer*; em que o primeiro verbo indica o início, o segundo, o processo, e o terceiro, o término. Mas as relações se dão por causa dos semantemas verbais. Soares não expurga o estudo de tais relações. Apenas julga melhor colocá-las no domínio dos estudos lexicais, na lexemática.

Acrescentemos que o valor semântico obtido a partir do semantema é, por vezes, movediço. Tomemos como exemplo o verbo *cair*, que parece ostentar aspecto pontual. O contexto, mórfico ou sintático, pode alterar esse valor. Isto pode ser exemplificado através da forma *caía*, na qual a desinência de imperfeito imprime a idéia de cursividade, e da reiteração da forma verbal em *caí caí balão*, que oblitera o suposto sentido pontual.

Outra ressalva digna de crédito é a oposição entre valores de língua e valores de fala. Ela nos faz ver que a maior partes dos trabalhos sobre aspecto verbal contempla na verdade dimensões que ultrapassam a esfera do verbo. Acabam por abranger aspectos oriundos do contexto, por via da repetição da forma lexical (ex.: *caí caí balão*), ou por via de adjuntos adverbais (ex.: *João encheu o copo várias vezes*).

Dadas as objeções acima, Soares constatou que o melhor tratamento é o estrutural, que ancora na *funcionalidade*, na *oposição* e na *sistematicidade* (cf. COSERIU, 1980: 60). Pela primeira, parte-se do princípio de que deve haver solidariedade entre expressão e conteúdo, entre significante e significado. “A uma unidade de língua no plano da expressão, deve (em geral) corresponder uma unidade no plano do conteúdo, diferente das outras unidades da mesma língua; e a uma unidade de conteúdo deve (em princípio) corresponder uma unidade de expressão” (COSERIU, 1980: 60). Segue-se daí que, no tratamento das entidades lingüísticas, o método da comutação é de suma importância bem como o enfoque da língua como sistema de relações.

Todavia, não é de espera-se que a proposta de Soares tenha aceitação pacífica. Assim, para muitos, não haveria como negar aspectualidade às perífrases de *ter* e *haver* + *particípio*. TRAVAGLIA (1985: 205), por exemplo, afirma que “a perífrase TER + PARTICÍPIO expressa em todos os tempos e formas nominais, exceto no pres. do ind., e com qualquer tipo de verbo principal os aspectos perfectivo e acabado”. Em suma, é difícil que os autores aceitem a confinação do aspecto ao quadro proposto por Soares, embora se possa objetar que a indicação aspectual, mesmo no nível da língua, não obedece aos princípios da funcionalidade, da oposição e da sistematicidade.

Bibliografia

- BARROS, I. M. M. de. *Princípios e métodos estruturais aplicados ao sistema verbal do português*. Rio de Janeiro: Faculdade de Letras da UFRJ. Tese de Doutorado, 1981.
- BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CASTILHO, A. T. de. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: FFCL de Marília, 1968.
- _____. Ainda o aspecto verbal. In *EPA - Estudos portugueses e africanos*. Campinas: UNICAMP, Nº. 04.
- COSERIU, E. *Lições de lingüística geral*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1975.
- SOARES, M. A. B. *A semântica do aspecto verbal em russo e em português*. Rio de Janeiro: PROED/Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1987.
- TRAVAGLIA, L. C. *O aspecto verbal: a categoria e sua expressão*. Uberlândia: Imprensa Universitária, 1985.